

Manter a minha cultura ou inserir-me na que vivo?

Para poder aplicar os conceitos lecionados durante as aulas de Estudos Interculturais, escolhi o filme “*Spanglish*”, que pelo seu nome indica um choque, entre duas culturas diferentes, a espanhola e a inglesa (segundo o nome), ou mais concretamente a mexicana e a americana. No filme trata-se de um assunto tão importante como a identidade de um emigrante e a luta entre manter a sua cultura natal ou mergulhar o mais possível na cultura adotiva.

O filme relata a vida de uma mãe solteira e a sua filha, Flor e Cristina Moreno, respetivamente. Depois de ser deixada pelo marido e para evitar a crise financeira que estava a começar a atingir a família Moreno, Flor decide mudar para Los Angeles, mas para uma zona da cidade onde só há espanhóis. Ambas, Flor e Cristina ficam surpresas por verem o quanto esse sítio as faz lembrar da sua casa anterior. Flor tenta arranjar vários trabalhos dentro da sua esfera social, mas o dinheiro não é suficiente. Apesar do desprezo que ela demonstra em relação aos americanos, ela vê-se obrigada a sair “la para fora”, sair da sua zona de conforto e arranjar um trabalho bem pago, mas depara-se com a barreira linguística. Apesar de não saber falar inglês, ela é aceite como empregada doméstica na família Clasky.

O filme mostra claramente o quanto Flor quer manter a sua identidade, apesar de ter que emigrar, ela insiste em manter-se num local com as pessoas da cultura dela e falar a sua própria língua. Durante o filme conseguimos perceber o quanto ela quer manter-se fiel à sua cultura e manter Cristina igualmente fiel. Pelo simples facto de não querer aprender inglês e não querer apresentar a sua filha à família Clasky, demonstra esse medo de ser consumida por outra cultura.

Com esta construção de identidade que presenciamos aqui, conseguimos também notar alguns estereótipos presentes. Primeiro, a imagem de Flor é tipicamente de uma mulher espanhola, cabelo escuro, comprido, com alguns caracóis, olhos escuros, olhar firme.... Outro fator aqui é o da mãe solteira, ela tem que ser forte, independente de tudo e de todos, uma guerreira, um exemplo para a sua filha, fazer o papel de pai e mãe ao mesmo tempo. As mulheres latinas sempre foram representadas fortes, firmes nas suas decisões, aptas para enfrentar tudo e todos. Enquanto que a mãe americana é representada

como uma mulher fraca em termos psíquicos, está sempre a chorar, não é estável. Existe aqui um contraste claro entre o papel da mulher, a definição do feminino.

Outro dos estereótipos que é possível ver no filme é a família tipicamente americana a qual estamos tão habituados, marido, mulher, habitualmente dois filhos, sogro ou sogra a viver com eles; pai trabalhador, mãe desempregada a cuidar dos filhos.

Outro estereótipo é claramente apresentado pela própria protagonista quando ela vê o seu patrão a chorar, a ser muito sentimental e exprimir os seus sentimentos em frente à uma mulher, como sabemos um homem mexicano é sempre apresentado como um macho, é forte e nunca capaz de chorar em frente às outras pessoas. Os pensamentos exatos de Flor nesta passagem do filme são: "...para alguém com conhecimento direto dos machos latinos, ele parecia ter as emoções de uma mulher mexicana." Neste caso já conseguimos identificar o contraste feito entre homens dessas duas culturas.

No início do filme existe um episódio em que Flor está a ser apresentada à família Clasky e quando ela diz o seu nome (Flor Moreno), a Deborah Clasky pronuncia-o à sua maneira dizendo "floor", que como sabemos é o sítio que as pessoas pisam, o chão. A própria Deborah diz "Floor? Aquilo que eu piso?". Na minha opinião, isto é um exemplo de como os americanos desprezam os mexicanos vindos para a América, como eles os escravizam e usam.

Flor durante o filme não refere aos seus padrões o facto de ter uma filha, mas quando eles descobrem e ela apresenta Cristina à família, a menina é totalmente consumida pelo estilo de vida dessa família, pois a Deborah começa a mimar a menina de todas as maneiras possíveis, Flor ao ver isso despede-se do trabalho e tira todas as coisas que a Cristina adquiriu graças a essa família, até a escola privada onde eles a meteram. Esse é só mais um exemplo de construtivismo social, de preservação da sua identidade.